



COLEÇÃO

JABUTI

5ª edição

ALAN OLIVEIRA

Ilustrações de Marcos Guilherme

Baleias não dizem adeus



100 ANOS
Saraiva



ALAN OLIVEIRA
Ilustrações
MARCOS GUILHERME

Baleias não dizem adeus

Obra vencedora do Concurso Nacional de Literatura Infantojuvenil
"João-de-Barro" (Belo Horizonte, 1996)

Selecionado para o Programa Bibliotecas Escolares/MG 1998



5ª edição

8ª tiragem

2014

Conforme a nova ortografia

Copyright © Alan Roberto de Oliveira, 1998

Editora: CLÁUDIA ABELING-SZABO

Assistente editorial: NAIR HITOMI KAYO

Suplemento de trabalho: LUIZ ANTONIO DE AGUIAR

Supervisão de revisão: PEDRO CUNHA JR. E LILIAN SEMENICHIN

Edição de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Diagramação: SETUP BUREAU Editoração Eletrônica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oliveira, Alan

Baleias não dizem adeus / Alan Oliveira ; ilustrações

Marcos Guilherme. — São Paulo : Saraiva, 1998. — (Jabuti)

ISBN 978-85-02-02556-1

ISBN 978-85-02-02557-8 (professor)

1. Literatura infantojuvenil I. Guilherme, Marcos, II. Título. III. Série.

97-5435

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5



Rua Henrique Schaumann, 270 — Pinheiros
CEP 05413-010 — São Paulo — SP

SAC | 0800-0117875
De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30
www.editorasaraiva.com.br/contato

Todos os direitos reservados à Editora Saraiva

201753.005.008

Sentado ali enquanto preparava as iscas sob um sol gordo e sonolento, era quase impossível acreditar que enfrentáramos um temporal tão nervoso quanto o da noite anterior. A água azul-turquesa que ia clareando à medida que se aproximava da praia quase não se movia, envolvida pela mesma preguiça que parecia haver tomado conta do mundo naquela manhã. Lá longe, no infinito, um bando de nuvens ralas ficava pastando lentamente, enquanto aguardavam que o vento as levasse a um outro céu.

Eram 11 horas quando Daniela se levantou. É claro que sou suspeito para falar, mas é uma criança linda. A pele clara curtida pelo sol, orelhas miúdas e arredondadas, o cabelo liso escorrendo até pouco abaixo dos ombros. Sempre foram escuros, mas agora o sol e a luz constante estavam mudando sua cor, e aqui e ali viam-se manchas alouradas que iam ficando cada vez maiores. Os olhos, absolutamente negros, movimentavam-se como se quisessem fugir da face, tal sua curiosidade e excitação diante dos mais banais acontecimentos diários.

Ela tinha então doze anos, e o que realmente impressionava em seu rosto, e ainda impressiona, é o nariz. Pequeno, discreto e, de uma forma geral, obediente ao desenho comum. Mas de repente, como se saísse do nada, surge um repuxo, uma montanhazinha em sua ponta, toda certinha, delicada e curva, virando-se para o céu. Esse nariz ainda hoje me deixa completamente maluco.

— Você dormiu bem? — perguntei, apenas para provocá-la, já que ambos, evidentemente, tivéramos uma noite terrível.

Daniela, como em todas as vezes que enfrentávamos tempestades mais fortes, ficava recolhida em sua cabine, o



colete salva-vidas no corpo e os braços enfiados em duas tiras de couro, que saíam de seu beliche e se prendiam ao chão. Ela ficava agarrada como um paraquedista, firme, mas com a vantagem de poder escapar dali com facilidade, caso tivéssemos pressa em abandonar o barco.

Quando as ondas começaram a se assentar, e Deus resolveu recolher um pouco daquele vento em seus pulmões, já eram quase cinco horas da manhã. Foi só aí que ela pôde deixar seu abrigo e esticar-se no beliche, ainda assim tendo de enfrentar o sacolejo irrequieto do barco, que demorou algum tempo até se equilibrar sobre as ondas com estabilidade.

Enquanto a perseguia com um sorriso pendurado na boca, ela apenas olhou em minha direção, sem demonstrar interesse algum em retribuir o gracejo. Depois andou pela proa contando os passos. Eu podia ouvi-la sussurrar os números, exercitando o inglês com seriedade, a língua buscando a posição correta dentro da boca, os lábios, um pouco trêmulos, tentando ajustar-se à pronúncia.

— Uã... to... não, tchu... tre... triii... ssstthree...

Ela veio contando até parar ao meu lado. O cabelo, ressecado por não se adaptar ao xampu natural que inventáramos de usar, formava uma espécie de ninho no lado direito da cabeça. Uma pequena falha no centro desse amontoado reforçava ainda mais a impressão de que, a qualquer momento, uma respeitável gaivota, acompanhada de seu respeitável esposo, pousaria na borda daqueles fios, daria uma arrulhada de satisfação, olhando com aprovação para o marido, colocaria as patas dianteiras sobre o peito e esperaria, tranquilamente, que os ovos fossem caindo, um a um.

Conseguia imaginar as aves voando em círculos, avaliando as vantagens e desvantagens daquela morada e, depois de uma breve conferência em família, decidindo que ali teriam filhos, os criariam e então envelheceriam na mais completa paz, outono após outono.